



---

### SOCIOLOGIA & ROCK: música como instrumento para reflexão em sala de aula

*Marília Luana Pinheiro de Paiva<sup>1</sup>*

#### Resumo

O presente artigo busca discutir a relação entre a música e a Sociologia, como instrumento para aprender a Sociologia em sala de aula. Compreende-se a música como elemento cultural que traz contribuições históricas e que está presente na sociedade em diversas esferas. A música é um produto de utopias e recorte da realidade, o que nos ajuda a discutir sobre aspectos sociais que nos envolve. A música, e em especial o rock, pode vir atrelado a uma crítica social e difusão de ideologias. Nessa perspectiva que analisa-se a música “Veraneio Vascaína”, da banda Capital Inicial como instrumento para reflexão e conhecimento no estudo de Sociologia.

**Palavras-chave:** Sociologia. Rock. Ensino.

#### Abstract

This article discusses the relationship between music and sociology, as a tool to learn sociology classroom. Music as a cultural element comprises up behind historical contributions and that is present in society in various spheres. Music is a product of utopias and clipping of reality, which helps us to discuss social aspects surrounding us. The music, especially rock can come tied to a social critique and dissemination of ideologies. In this perspective that analyzes the song "Vacation Vascaína" the band Capital Inicial as a tool for reflection and knowledge in sociology study.

**Keywords:** Sociology. Rock. Education.

Este artigo tem o objetivo de apresentar a música como um instrumento para se trabalhar em sala de aula, especificamente nas aulas de Sociologia de Ensino Médio no Brasil. Compreende-

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista Capes 2015.

se a música e a sua complexidade como um produto simbólico e expressivo de diversas tensões sociais, inclusive política. Assim, utilizando a música como meio presente no nosso dia a dia, podemos extrair dela aspectos sociais que correspondem ao lugar social em que o sujeito está inserido, bem como compreender grandes aspectos estruturais sociológicos do Brasil. Busca-se discutir a música da banda Capital Inicial “Veraneio Vascaína”, na qual problematiza questões relevantes a ditadura no Brasil que enfatiza a relação da polícia e os jovens na sociedade brasileira no período durante o regime militar. Atenta-se para a música como meio de aprender a Sociologia e as demandas sociais presentes nos elementos culturais.

Serão exploradas as concepções sociológicas encontradas na música e a compreensão destas em sala de aula. Conforme Napolitano (2002, p. 5),

[...] a música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais. Para completar, ela conseguiu ao menos nos últimos quarenta anos, atingir um grau de reconhecimento cultural que encontra poucos paralelos no mundo ocidental. Portanto, arrisco dizer que o Brasil, sem dúvida uma das grandes usinas sonoras do planeta, é um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas também para pensar a música. (NAPOLITANO, 2002, p. 5).

A música também é um veículo de utopias sociais, um componente cultural e também é filha do seu próprio tempo. Porém, é necessário ter a clareza que nem toda música tem a preocupação sociológica e política de passar uma mensagem, nem discutir algo. A que venho abordar neste artigo é uma música específica do rock brasileiro que trata de dilemas sociais e críticas em sua letra, a música “Veraneio Vascaína” pode ser trabalhada em sala de aula de maneira pedagógica como uma fonte de reflexão e auxílio no processo de ensino aprendizagem.

Quando pensamos em educação e no processo educacional no Brasil, temos a consciência que muito tem se discutido e abordado sobre a educação e como trabalhar de maneira lúdica e criativa, de maneira a envolver o aluno. A música acaba se tornando um elemento de grande utilidade, pois se torna um veículo de propagação de ideias, de rimas soltas e agrupadas que somam ideias e interpretação. Cada música pode ser lida e relida conforme a visão de mundo de cada aluno, aproximando da sua realidade e o professor contribuindo para a construção desse aprendizado a partir de assimilações, intercalando conceitos e questões históricas e sociológicas, assim como promover a interdisciplinaridade.

A música que escolhida para análise é a música “Veraneio Vascaína” da banda Capital Inicial, uma música produzida em 1986 no período da abertura política que faz uma crítica, inferindo-se ao governo militar no Brasil. A Sociologia abrange o estudo dos fenômenos ligados

aos indivíduos e as formas da sociedade sendo as camadas sociais, valores, instituições, normas, leis, conflitos e as relações sociais em si. Ou seja, a Sociologia estuda sobre a sociedade e suas ramificações e integrantes. A Sociologia compreende as formas de interação entre sujeitos e as nossas organizações, os fenômenos sociais, e a realidade dos sujeitos. Tendo em vista as questões sociais e as relações políticas, proponho refletir a música em sala de aula. A música é um produto social e que está inserida nesse campo social.

A música crítica traz elementos que podemos questionar e refletir e então aprender sobre seu tempo. Então, a Sociologia nos ajuda a compreender e investigar esses problemas sociais e seus desdobramentos. Como Chacon coloca:

Antes, porém, do nível político, precisamos definir melhor o nível de ação da música. Seu papel galvanizador é indiscutível, e a maior prova disso é a necessidade que o sistema tem de censurá-la quando se vê duramente atingido [...] Proibida na África do Sul, *Brick in the wall* do Pink Floyd serviu de música tema para os manifestantes negros perseguidos pelo racismo. Da mesma forma (embora não seja Rock) *Caminhando* de Geraldo Vandré simbolizou toda a resistência estudantil á repressão da ditadura militar brasileira no período pós AI-5. Proibidas de serem tocadas nos meios de comunicação, essas canções servem de índice para o receio do Estado de que elas divulgassem e catalizem os problemas que a sociedade vive. (CHACON, 1985, p. 51).

O rock dos anos 1980 assume um papel de difundir críticas e insatisfações, assim como aparece na letra da banda Capital Inicial em seu primeiro álbum de 1986. A música “Veraneio Vascaína” traz uma conotação crítica, sobre o regime civil e militar no Brasil de 1964 a 1985. Nas letras, o relato sobre o posicionamento da polícia em relação aos jovens e ao controle dos indivíduos que iam contra o sistema militar, ou seja, a polícia e a repressão, eram os grandes vilões da ditadura. No auge da repressão, nos primeiros governos militares, houve centenas de perseguições, mortes consideradas como apenas “desaparecidos” conflitos, a morte do estudante Edson Luís de Lima Souto, que marcou como de extrema violência a passeata de 1968 em plena manifestação em protesto ao aumento da comida do restaurante universitário dos estudantes no Rio de Janeiro, conhecido calabouço no dia 28 de março de 1968, acabou sendo morto pelos policiais que reprimiam o protesto.

Ou seja, a ditadura nesse momento que vai de 1964 até 1985, governados por militares, então extintos totalmente a liberdade de expressão, meios de comunicação censurados, mortes, torturas. Durante a ditadura civil-militar, a democracia e a cidadania foram abafadas. Como aponta José Murilo de Carvalho, a cidadania estende-se a direitos civis (direito à vida e à liberdade), sociais (direito à saúde, educação, trabalho) e também a direitos políticos, no que diz

respeito à participação do indivíduo no governo e na sociedade, como o direito de organizar partidos políticos e votar. Esse último foi extinto totalmente durante o regime. (CARVALHO, 2002, p. 10).

As eleições aconteciam pelo Colégio Eleitoral, existia apenas dois partidos: Arena (Aliança Renovadora Nacional) e MDB (Movimento democrático brasileiro), meados de 1979, começa a perpetuar uma abertura lenta e gradual em favor da abertura política que o governo de Figueiredo assinou a anistia e possibilitou a volta dos exilados retornarem ao país. Assim, permitiu que formasse um público jovem em favor da liberdade e do auge da liberdade política, individual, que se expressavam nas praças nas ruas, formando tribos que tinham a música como objeto catalisador e de escape para as suas insatisfações sociais. Relata Nelson Motta:

Lembra Nelson Motta [...] O Rio era um paraíso ainda, sem a guerra civil que começaria pouco depois. Na praia era que tudo acontecia, onde se formavam grupos de teatro e música, amizades, críticas, festas, produções. Era uma época de libertação política, e a arte que florescia só podia ser mais livre, mais forte, mais crítica e audaciosa (ALEXANDRE, 2002, p. 40).

No processo da abertura política foram possíveis músicas claras e diretas de contestação em relação ao sistema, antes censuradas, agora tínhamos maior liberdade de expressar nossas inquietações e nosso silêncio durante esse regime opressor. Eram em grande parte os jovens, que protagonizavam a cena do rock brasileiro. Com influências britânicas e inglesas, o rock foi, aos poucos, ganhando uma voz brasileira, com identidade própria e com apontamentos peculiares. A música “Veraneio Vascaína”<sup>2</sup>, composta por Renato Russo e Flavio Lemos, que posteriormente foi gravada pela banda Capital Inicial em 1986, refere-se a relatos sobre a polícia brasileira da época e aborda sobre as perseguições no período do regime militar. Ou seja, entre notas e melodias há no texto uma crítica ao regime militar e as perseguições feitas aos contrários ao regime, feito pela polícia, principalmente aos jovens. O primeiro álbum da banda Capital Inicial foi proibido à venda para menores de 18 anos. Apesar da abertura política 1986 ainda era um período de processo de redemocratização, o que acaba ainda sendo censuradas algumas músicas.

*Cuidado, pessoal, lá vem vindo a veraneio  
Toda pintada de preto, branco, cinza e vermelho  
Com números do lado, dentro dois ou três tarados  
Assassinos armados, uniformizados  
Veraneio vascaína vem dobrando a esquina*

---

<sup>2</sup>RUSSO, Renato; LEMOS Flavio. Veraneio Vascaína. In: OURO PRETO, Dinho. **Capital Inicial**. Brasília: PolyGram, 1986. 1CD. Faixa 6.

O trecho se refere à polícia, que no período militar usavam o modelo do carro Veraneio, Chevrolet Veraneio e Vascaína por conta da sua cor preta, cinza, branca e vermelho que lembram as cores do time do Vasco, fazendo-se assim uma analogia ao time. Definem como assassinos aramados uniformizados, seriam os policiais, esses que estão a serviço do governo para manter a ordem, eram os principais vilões nesse período. Prendiam adolescentes, inocentes, estavam a trabalho da segurança nacional. Mas segurança de quem? Eram segurança da elite, dos governantes, pois lutavam em prol dos seus mandatos dos seus interesses. Atuavam para manter a ordem! Que ordem? A ordem implantada por um regime autoritário e repressor, que afundava o país em dívidas e enchia de propaganda política no rádio e na televisão a seu benefício, ou seja, era um jogo de manutenção do poder, que utilizava a propaganda para manter a impressão que tudo ia bem, enquanto matavam indivíduos que iam contra o governo (ARANHA, 1993, p. 5).

O carro Veraneio fazia parte do cenário de terror, que aterrorizava jovens, colocando medo pelas ruas onde passava. A repressão tomava conta e tinha um símbolo a Veraneio.

**Figura 1** – Veraneio Chevrolet



**Fonte:** Pagina do blog Rebobinando Memória<sup>3</sup>

<sup>3</sup>Disponível em <<http://rebobinandomemoria.blogspot.com.br/2012/11/analizando-letra-veraneio-vascaina.html>> Acesso em jun. 2015.

Ainda discutindo a figura da Veraneio como componente nesse cenário do regime militar, podemos compreender a representação na fala do compositor da música Renato Russo e Dado Villa Lobos (guitarrista e integrante da banda Legião Urbana) no qual relata sobre a música e as circunstâncias que estavam jovens e os opositores ao regime enfrentando nesse momento.

Renato Russo - Era tão louco, nem eles sabiam o que era. Implicavam com todo mundo. Era época da redemocratização. A Colina, que era nossa base bem no comecinho, era também a residência dos professores da UNB - gente da esquerda que não podia falar... E volta e meia vinham as joaninhas - não, nem joaninhas, era veraneio mesmo. Essa história de "Veraneio Vascaína" é por causa disso. Eles entravam na universidade, aquelas coisas de bater em estudante etc [...] Agora, a repressão existia em vários níveis, em todos os lugares. Tinha de se ter muito cuidado com o que se falava - não podia falar mal do governo, nada. Nem bzzzzzz. Era só verem um grupo de jovens juntos que vinham estragar, tipo desmancha prazer. Hoje ainda continua. Cada quatro quadras tem uma viatura especial, com telefone especial. [...] Renato Russo - Roconha era o seguinte. Tinha uma galera com um sítio - acho que era filho de um médico. sei lá. Então fizeram três Roconhas - a primeira parece que foi um escândalo, o máximo, mas ninguém ficou sabendo. Eles abriam a fazenda, o pessoal chegava de carro e ficava ouvindo som: você arrumava uma menina, ficava na boa com ela, fumava unzinho... A segunda foi mais divulgada. Fizeram um convite com um mapinha numa seda, dizendo: "traga o seu". Bem, aí nós juntamos na casa do Fê, todo mundo gala, com correntes e tudo, fomos todos para a Roconha. Mas nem entramos! Já tinha policial para tudo quanto é parte - parecia até cena do Kojak, com cachorro e tudo. Já entramos com a mão na cabeça, uns cinqüenta jovens sentados naquele chão de verão que ficava uma poeira só. O que teve de vestido branco que se acabou nesse dia! Dado Villa Lobos - E eles: "Quem é filho de militar, para cá. Os menores para lá." Renato Russo - E eles nos dividindo e a gente: "Não! Temos de ficar juntos." Foi uma coisa psicologicamente muito ruim. Mas quem sofreu mesmo foram menores. Abusaram mesmo! Os pais iam lá pegar as garotas e eles falavam: "Sua filha é uma piranha, andando com maconheiros!" Aquelas menininhas de 13 anos chorando, chorando, chorando. Foi horrível! Aí fizemos "Veraneio Vascaína".<sup>4</sup>

Na segunda estrofe há a ironia, dois agentes são explorados, o pobre, sempre marginalizado, e o policial visto como a figura de um herói, o protagonista da ordem da sociedade. Sendo admirado pela sua coragem, que legitima as leis e garante a paz. Mas no contexto ditatorial, ele assume outra representação ele representa o medo à injustiça a mando de um governo desigual e autoritário que através dos agentes policiais garantem o sistema político e social militar, a ordem.

*Porque pobre quando nasce com instinto assassino  
Sabe o que vai ser quando crescer desde menino  
Ladrão pra roubar, marginal pra matar  
Papai eu quero ser policial quando eu crescer*

---

<sup>4</sup> Disponível em <: Veraneio Vascaína - uma ácida crítica à polícia brasileira <http://whiplash.net/materias/curiosidades/000378-capitalinicial.html#ixzz3eQ6lxcWO>> Acesso em 29 de jun de 2015.

Diversas mortes, desaparecimentos de militantes associados a partidos, membros de partidos e adeptos aos movimentos sociais e sindicais que lutavam nesse contexto político por melhorias salariais, melhores condições de vida, foram presos e torturados até a morte. Acusados de cometerem crimes contra a Pátria. A repressão abarcava uma diversidade extensa de atos, dentre cassações, intervenções, censura, leis autoritárias, ameaças, vigilância, suspeição exacerbada, demissões injustificadas. Todas com consequências apreciáveis na vida dos cidadãos, provocando medo, perda dos meios de subsistência, esgarçamento dos laços sociais. Nesse sentido, é importante para se discutir a Sociologia as relações conflitantes e as relações sociais que foram modificadas, assim como as relações de poder que se exerceu sobre a camada da população que era contra o regime militar. Ou seja, o direito de expressão de cada indivíduo fora drasticamente se extinguido. Sem direito a pensar, apenas obedecer.

*Se eles têm fogo em cima, é melhor sair da frente  
Tanto faz ninguém se importa se você é inocente  
Com uma arma na mão boto fogo no país  
E não vai ter problema eu sei estou do lado da lei*

“*Se eles têm fogo em cima, é melhor sair da frente*”. Essa frase refere-se às sirenes que, da cor laranja, na música são colocadas como fogo. E quando inferem-se nas estrofes seguintes caracterizando a polícia não como a detentora da ordem, mas mandantes, são mandantes armados uniformizados, que ajudam a botar fogo no país, ajudam a manter o regime tudo em nome da lei. Mas que lei? Lei que mata inocente e que tortura aqueles que pensam diferente do que estabelece o regime militar. É importante pensar a estrutura da sociedade como estava dividida e como as relações de poder estavam bem definidas e que um órgão que deveria ser para ajudar na manutenção e princípios da sociedade civil, incitava o controle e repressão a mando do governo.

A repressão se estendeu por todos os cantos. A polícia exercia um papel de poder nesse âmbito das relações sociais, que extrapolavam os limites democráticos. O regime militar foi um período em que gerou diversos conflitos, desigualdades sociais, tanto no nível econômico, pois foi o período em que o país esteve marcado pela alta inflação e pelo baixo crescimento nos anos do governo de Emílio Garrastazu Médici (1969- 1974). Nos primeiros anos vivemos a euforia do “milagre econômico” no qual o país atingiu em grande escala um desenvolvimento favorável tanto na economia quanto na aquisição para a classe média, consumir bens ficou mais fácil por conta do pleno desenvolvimento que o país passava.

*Cuidado, pessoal, lá vem vindo a veraneio  
Toda pintada de preto, branco, cinza e vermelho  
Com números do lado, dentro dois ou três tarados  
Assassinos armados, uniformizados  
Veraneio vascaína vem dobrando a esquina  
Veraneio vascaína vem dobrando a esquina  
Veraneio vascaína vem dobrando a esquina.*

A música em suas últimas estrofes aponta características do carro, as cores que eram pintadas e alerta para tomar cuidado, pois a qualquer momento você pode ser capturado pela “Veraneio Vascaína”. Na discussão sociológica é importante relacionar tanto as questões históricas, como políticas e estruturais que estão diretamente relacionados com as esferas sociais. Nesse sentido, a música permite uma reflexão tanto em torno do poder estabelecido pelo regime militar como nas mudanças sociais que ele causou a sociedade como um todo e as suas diversas classes sociais, afetando cada qual a sua maneira. É imprescindível ao professor que estabeleça um diálogo sobre a desigualdade social que a ditadura causou. A violência física e simbólica como aponta Bordieu (1989, p.11),

As diferentes classes e fracções de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mas conforme aos seus interesses, e imporem o campo das tornadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais.

Assim podemos analisar sobre relações de poderes e também, sobre os campos que cada classe ocupa. Com isso, podemos relacionar com o cenário da ditadura civil e militar, pois enquanto uma classe estava em plena ascendência econômica a classe baixa era lesada. Para que todo o crescimento econômico fosse possível foi preciso efetuar um arrocho salarial na baixa classe para que o país caminhasse em direção a uma expansão em nível econômico. Como aponta Delfim Netto: “Era preciso fazer o bolo crescer para depois repartir”. Ou seja, as classes sociais estavam cada vez mais divididas e diretamente ligadas em todas as instâncias com os setores políticos e econômicos do país. Mas esse tempo de “euforia” durou pouco e, devido a uma crise internacional do petróleo, o Brasil acabou se endividando e tendo que rever todos os seus meios econômicos de negociação ao exterior, pois a economia do Brasil era em grande parte refém das importações do petróleo do Oriente e quando o preço triplicou o país quebrou e acabou entrando em uma crise que se estenderia por toda a década de 1980.

Além da censura, repressão nos meios de comunicação e o controle do ensino por parte do governo nas salas de aula, havia os jornais e também os canais de televisão que nada divulgavam

sobre os episódios de repressão do governo. Eram na maioria das vezes também censurados e muitos aliados ao governo militar.

Nos anos de ditadura, os movimentos sociais levantaram as suas bandeiras, pela luta da dignidade, pela liberdade e pela justiça social, cresceram os militantes e guerrilheiros, associados a partidos e sindicatos que insatisfeitos com o quadro político que a ditadura impunha unia-os em prol de sua causa. O movimento estudantil, sindical, junto à militância partidária e comunitária contribuiu com a luta a favor do fim da ditadura militar no Brasil. Movimentos sociais, paralisações e passeatas assim como greves, marcaram o cenário dos anos 70 e 80. (ASSUNÇÃO, 2004, p. 14).

Como indica Pinto (2001, p. 223), a música também é possuidora de uma identidade peculiar, e está quase sempre em conexão com outras culturas. Ela tem a função de comunicar, através da sua linguagem, suas letras e seus códigos. Nessa perspectiva, a música contribui de forma lúdica com o ensino de Sociologia em sala de aula, podendo ajudar na relação de ensino-aprendizagem, e tornando cidadãos abertos e mais críticos diante das estruturas sociais existente no país. Dessa forma, a música aponta elementos sociais, aponta sobre a socialização e a história vivida, cabe ao professor explorar dessa maneira o que a letra está apontando, não colocando como pano de fundo, mas referenciando como fonte para se estudar e aprender. Portanto, Ross (2011, p. 12) argumenta:

Então por que se arraigou a ideia de que há algo de peculiarmente inexprimível na música? A explicação pode não estar na música, mas em nós mesmos. A partir de meados do século XIX, as plateias se acostumaram a adotar a música como uma espécie de religião secular ou política espiritual, investindo-a com mensagens tão urgentes quanto vagas. As sinfonias de Beethoven prometem liberdade política e pessoal; as óperas de Wagner inflamam a imaginação de poetas e demagogos; os balés de Stravinsky liberam energias primais; os Beatles incitam uma revolta contra antigos costumes sociais. Em qualquer momento da história, existem alguns compositores e músicos criativos que parecem deter os segredos da época.

Como Fiuza (2003, p.68) a canção pode ser utilizada em sala de aula sendo a canção o próprio objeto de estudo, ou seja, sendo o documento analisado, estudado, sendo um objeto histórico, sociológico e ideológico fruto do seu tempo.

## Referências

ALEXANDRE, Ricardo. *O rock e o Brasil nos anos 80*. Dias de luta. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2002.

ARANHA, M.L. Arthur. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.

ASSUNÇÃO, Fernando Luís. *Assassinados pela ditadura*. Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 2004

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico. Memória e Sociedade*. Portugal. Lisboa; Difel, 1989

CARVALHO, J. Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CHACON, Paulo. *O que é Rock*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CAREGNATO, A.C.Reinaldo; MUTTI, Rafael. *Pesquisa qualitativa: Análise de discurso versus análise de conteúdo*. Rio Grande do Sul. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2005.

FIUZA, Alexandre Felipe. *O Ensino de História e a Ditadura Militar*. In: CERRI, Luís Fernando. Curitiba: Casa Editorial Tetravento Ltda, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. *História e música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PINTO. O, Thiago. *O Som e Música. Questões de uma Antropologia Sonora*. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2001, V. 44 nº 1.

ROSS, Alex. *Escuta só: do clássico ao pop*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.